



Claes Bang em 'William Tell', um épico sobre intolerância

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Robin Hood ganhou, faz pouco, uma versão repaginada nos cinemas, com Hugh Jackman num visual maltrapilho, para explorar o herói em fase crepuscular. Nos quadrinhos dos EUA, a saga "Absolute Green Arrow", da DC Comics, também evoca essa figura, transformando o Arqueiro Verde numa espécie de serial killer do Bem, como um Dexter. Em paralelo ao mito do Robin do Bosque, que roubava ricos para matar a fome dos pobres, a Europa imortalizou outras lendas heroicas de flecha na mão, habitualmente associadas à narrativa de formação de seus estados nacionais.

Esse é o caso do besteirol William Tell, que ganhou fama a partir de 1474. Suas ações costumam ser sintetizadas num desafio de vida ou morte: acertar uma maçã na cabeça de seu filho, com uma flecha de caça, como um teste de aptidão de sua mira. Houve até série de TV (a

Baixa o arco, Robin Hood, que Guilherme Tell chegou

Cavaleiro cruzado que defendeu sua Suíça natal no século XIV ganha versão para as telas com Claes Bang, já disponível na Prime Video, e marcada por sequências de ação febris

franco-inglesa "Crossbow", de 1987 a 1989) sobre esse cavaleiro cruzado que desafiou o jugo austríaco sobre a Suíça do século XIV. Foi o dra-

maturgo alemão Friedrich Schiller (1759-1805) que consagrou Tell como um signo de liberdade, a partir de uma peça teatral com seu

nome, de 1804.

Essa narrativa inspirou o cineasta irlandês Nick Hamm a adaptar as peripécias do às da besta e do quadrolo

de mão para a telona numa produção metade helvética, metade britânica, orçada em US\$ 45 milhões. Claes Bang é seu protagonista.

"William Tell – O Guerreiro" acaba de estrear na Prime Video da Amazon. Não teve vez nas telas, apesar da presença do astro dinamarquês que brilhou em "The Square" (Palma de Ouro de 2017) e viveu Drácula numa minissérie da Netflix.

O carisma de Claes é essencial para o desenho dramático do roteiro e filmado por Hamm numa linha épica. Parece mais "Braveheart" (1995), de Mel Gibson, do que uma longa-metragem de capa & espada convencional. O foco está na criação da identidade do povo da Suíça – país coprodutor do projeto, que se apoia na austera banda sonora de Steven Price. A direção de fotografia dionisíaco de Jamie D. Ramsay escora com eficácia o espírito de saga esboçado no argumento e buscado na realização.

A trama viaja no tempo até o ano de 1307, onde a Suíça é uma província sob o domínio da casa real austríaca, do clã Habsburgos. O povo suíço está ressentido com essa ocupação estrangeira e uma rebelião está a se formar, especialmente porque soldados dos líderes políticos maltratam a população à vontade. Alguns nobres suíços, como Rudenz de Attinghausen e Werner Stauffacher, tentam manter boas relações com os Habsburgos, seja por interesse próprio, medo de retaliação ou, no caso de Rudenz, por seu amor por Bertha, sobrinha de Albert, que se ressentia da tirania de seu tio.

Tell é o habitante local com destreza em combate suficiente para reagir. Reluta, por devoção à sua família, mas o chamado da guerra vai conspurcar sua quietude, o que rende um espetáculo eletrizante. O carisma de Claes faz de Tell um personagem inquietante, repleto de conflitos. Não por acaso, o Festival de Toronto foi a plataforma de estreia da fita.

‘Bergmaniando’ na grade da MUBI

Plataforma celebra aniversário do realizador sueco três títulos fundamentais de sua filmografia

Entre 1946, com o lançamento de "Crise", e 2003, quando o tele-drama "Saraband" começou a circular por TVs e cineclubes, a indústria audiovisual deitou-se num divã para um trabalho de análise da moral, da fé e do amor apoiado numa troca simbólica com o diretor que pôs dilemas do espírito no centro da câmara: Ingmar Bergman (1918-2007). Em 14 de julho, o artesão

autoral sueco completaria 108 anos.

Para celebrar seu legado de mestre, a MUBI reúne três títulos essenciais de sua trajetória: "O Sétimo Selo" (1957), "Persona" (1966) e "Gritos e Sussurros" (1972). Eles já estão na grade da plataforma. Abrangendo diferentes momentos de sua carreira, esses filmes revelam a amplitude de uma obra marcada pela inquietação filosófica, experi-



MUBI celebra os 108 anos de Ingmar Bergman exibindo marcos de sua obra

mentação formal e uma profunda investigação das complexidades da experiência humana. Mais de meio

século depois de sua realização, permanecem como referências incontornáveis para cineastas e espectadores ao redor do mundo.

Numa queda de braço com nosso superego, na triagem das neuroses que levam à brutalidade e ao desamor, Bergman rodou 65 filmes, sem contar as práticas com teatro filmado que fez para a televisão escandinava. "Morangos Silvestres" (1957) é um deles. Laureado com o Urso de Ouro do Festival de Berlim, o longa-metragem representa um momento de ascensão de uma obra considerada por muitos a mais balanceada que arte cinematográfica já viu. Para muitas cabeças da crítica, Bergman foi o diretor dos diretores.

Seus filmes se preocupam em discutir a finitude, presença de Deus, a agonia do existir, solidão, a fragilidade das convenções sociais e as incongruências da vida a dois.

Deste último tema, ele extraiu um fenômeno midiático: "Cenas de um Casamento", minissérie de TV, também editada como filme, que fez aumentar o número de divórcios em território escandinavo na época de seu lançamento, em 1973. O cineasta ganhou um Globo de Ouro pela empreitada, uma das muitas honrarias douradas em seu currículo. Filho de um pastor protestante, nascido em Uppsala (a 70km a norte de Estocolmo), o diretor – que teve seu primeiro acesso a um projetor de imagens ainda menino, trocando uma dezena de soldadinhos de chumbo com seu irmão por aquela "lanterna mágica" – ganhou um Oscar honorário (o Irving G. Thalberg, dado em 1971), o Leão de Ouro Especial do Festival de Veneza, em 1971, e a Palma das Palmas do Festival de Cannes, em 1997. (R. F.)